

RESENHA

KARL MARX E O NASCIMENTO DA SOCIEDADE MODERNA: BIOGRAFIA E DESENVOLVIMENTO DE SUA OBRA, VOLUME I (1818-1841).

HEINRICH, MICHAEL - São Paulo: Boitempo, 2018. 472 pp.

Recebido em 22/12/2019
Aprovado em 05/03/2020

Existem várias biografias de Karl Marx escritas ao longo da história. Não surpreende, já que a obra de Marx continua influenciando o debate econômico, político e filosófico em todo mundo. Michael Heinrich não esconde sua simpatia pelo filósofo e economista cujos 200 anos de nascimento foram comemorados em 2018. Em *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra*, Heinrich propõe-se a esclarecer o cenário histórico em que Marx foi desenvolvendo sua obra. Trata-se do primeiro volume – dos três prometidos pelo autor –, que abarca o período entre 1818 e 1841.

A biografia é composta de três capítulos, além de um prefácio, uma introdução e um apêndice em que é discutida a metodologia da escrita biográfica. A edição brasileira ainda contém dois anexos que agradarão o leitor: o primeiro apresenta a redação final de conclusão do ensino médio de Marx, “Considerações de um rapaz acerca da escolha de uma profissão”, e a segunda, uma carta que Marx enviou ao seu pai, de Berlim, em novembro de 1837.

No prefácio Heinrich deixa clara a importância do biografado para o entendimento do capitalismo:

Marx não trata de uma forma histórica específica do capitalismo, mas de estruturas fundamentalmente importantes para qualquer forma assumida pelo capitalismo. Nesse sentido, a análise de Marx – independente da avaliação que se faça de seus resultados específicos – ainda é pertinente; ela trata, afinal, de questões que também são relevantes para as sociedades contemporâneas. (p. 23)

MARCELO FERNANDES

Professor Associado do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Programa de Pós-graduação em Economia Regional e Desenvolvimento (PPGER/UFRRJ).

E-mail: mapefern@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4550-8564>

Durante a obra o autor vai dialogando com outras biografias de Marx e, assim, com a vantagem de que o trabalho da MEGA-2 vem disponibilizando textos inéditos, ajudando a desfazer confusões e mitos. Além disso, Heinrich entra em polêmicas interessantes.

No primeiro capítulo Heinrich trata da juventude de Marx, e busca identificar aqueles que mais teriam influência sobre seu desenvolvimento intelectual. Trata-se de alguém que ainda jovem e sem experiência profissional já causava poderosa impressão. Moses Hess (1812-1875), numa passagem muito conhecida, fala de Marx como “o único e verdadeiro filósofo vivo que em breve, onde quer que apareça publicamente, [...] chamará a atenção da Alemanha.” (p. 37). Uma combinação, segundo Hess, de Rousseau, Voltaire, Holbach, Lessing, Heine e Hegel reunidos em uma pessoa. Com 24 anos Marx tornou-se redator chefe da *Gazeta Renana*, o jornal que era o porta-voz da burguesia liberal renana. Disso Heinrich saca a pergunta que ainda não será respondida neste volume: como Marx conseguiu, desde cedo, causar tamanho impacto?

Heinrich faz uma descrição a respeito da situação dos judeus no século XVIII e começo do século XIX. Esta servirá para analisar os efeitos, sobre o jovem Marx, da conversão do pai, Heinrich Marx, ao protestantismo. O autor lembra as condições duras em que os judeus viviam, como privações quanto à escolha da profissão, já que uma série de profissões artesanais lhes era negada. A Revolução Francesa, ao garantir igualdade perante a lei, iniciou uma mudança importante – primeiramente na França, porém logo se espalharia para outros territórios da Europa no decorrer das vitórias francesas. Parte abrangente da igualdade legal dos judeus foi revogada nos territórios alemães com a derrota de Napoleão. Como estava proibida a entrada de judeus no funcionalismo, o futuro de Heinrich Marx era incerto. A única alternativa seria o batismo na religião protestante, mais de acordo com a orientação racionalista do pai. Segundo o autor, não se saberia ao certo o quão difícil foi essa decisão. O que se sabe é que tentou adiar a escolha, embora ele não parecesse ter um vínculo tão forte com a religião judaica.

Além do pai, o sogro, Ludwig von Westphalen, teria também estimulado intelectualmente o jovem Marx. Ele teria sido o primeiro a apresentar a Marx as teorias de Saint-Simon, do qual era um aficionado.

Heinrich também faz uma descrição detalhada no período em que o jovem Marx esteve no ginásio. Analisa o pensamento e as aulas daqueles professores que teriam chamado a atenção de Marx. Nesse período o autor destaca a redação final do ensino médio feita por Marx. Publicada pela primeira vez em 1925, a redação teria dado origem a numerosas interpretações. Segundo Heinrich, de fato, a redação destaca-se “por uma série de particularidades em termos de conteúdo” (p. 123). Marx escreveu várias vezes a palavra “divindade” na redação, o que evidenciaria que ele ainda era religioso nesta época. Numa passagem Marx coloca que “Nem sempre podemos assumir a posição para a qual cremos ter sido vocacionados; nossas relações na sociedade já começam, até certo ponto, antes mesmo de estarmos em posição de determiná-las”. O autor lembra que vários biógrafos viram nesta passagem a origem do materialismo histórico no jovem Marx. Mas uma explicação mais simples, segundo Heinrich, é que tal passagem “reflete as experiências do pai de Karl” (p. 125), que teria crescido em condições materiais sem sofisticação.

No segundo capítulo Heinrich trata da partida de Marx para Universidade de Bonn, afim de estudar direito, e da sua ida para Berlim. O autor mostra que, apesar de estudar direito e ter adquirido uma base jurídica sólida, Marx não frequentaria apenas os cursos desse campo. Parte interessante da obra é a discussão sobre a controvérsia acerca da influência de Hegel sobre Marx. Heinrich critica as biografias de Marx que “[...] traçam uma imagem bastante grosseira de Hegel” (p. 185) – isto é, ora como um idealista que captou o desenvolvimento dialético da natureza, da história e da sociedade, ora como um metafísico distante da ciência, que enxergava a sociedade unicamente por meio de modelos abstratos. A importância de Hegel sobre Marx seria interpretada de diversas formas. Enquanto uns acreditariam que Hegel foi um impulso para suas investigações, outros entendem que Marx teria caído nas elucubrações não científicas de Hegel.

Ainda no capítulo 2 o autor faz uma importante análise a respeito dos experimentos literários do Marx e de sua passagem à filosofia hegeliana. Heinrich tenta mostrar que a desistência de Marx de se tornar um poeta não se deveu a sua falta de talento que ele mesmo teria percebido, conforme algumas biografias divulgaram ao longo dos anos. De acordo com Heinrich, a desistência seria de outra natureza, e que poderia ser encontrada em cartas de Marx à Jenny e ao seu pai em 1836 e 1837, respectivamente. Nessas cartas Marx censurava sua criação literária por serem “puramente idealistas”, mas não no sentido filosófico e, sim, no sentido coloquial daquilo que deveria ser. Nesse sentido, Heinrich sugere que Marx tenha se atraído pela crítica de Hegel ao romantismo e essa crítica tê-lo-ia sensibilizado.

No terceiro capítulo Heinrich discute o começo do “jovem hegelianismo” e os projetos de dissertação de Marx. Nesse período houve na Prússia uma série de controvérsias a respeito da crítica à religião com um forte teor político. Heinrich lembra que na Prússia do século XIX a religião tinha uma relevância no cotidiano da população muito maior do que nos dias de hoje. A grande maioria da população pertencia a alguma igreja e a própria Prússia considerava-se um “Estado cristão” e o protestantismo era considerado o seu alicerce. Conforme Heinrich, desse debate surgiram conflitos importantes entre os hegelianos. Bruno Bauer, que teria sido o melhor amigo de Marx nesse período e com qual teria proximidades em questões teóricas, ter-se-ia destacado nesse debate.

Conforme Heinrich, a intervenção a favor do cristianismo feita por Hegel seria ao mesmo tempo uma crítica à forma tradicional do cristianismo. Isso gerou hostilidades tanto do lado dos cristãos ortodoxos inconformados com a crítica, quanto, mais tarde, do lado dos críticos da religião, que o acusariam de ter sido demasiadamente tolerante com a religião. De qualquer forma, a crítica de Hegel exerceria influência profunda sobre a geração seguinte de críticos da religião, entre eles David Friedrich Strauß, que, após a publicação da sua obra *A Vida de Jesus*, teria estabelecido a divisão da escola hegeliana entre hegelianos de direita e esquerda, que, por sua vez,

foi indicada com outra divisão: “jovens” e “velhos” hegelianos. Os velhos foram considerados os conservadores (direita) e os jovens, os progressistas (esquerda). Heinrich argumenta que essas separações só funcionariam com grandes generalizações porque entre os “velhos” havia autores claramente de esquerda. E Strauß, por exemplo, sempre incluído entre os “novos”, teria postura bem moderada em termos políticos. Logo seria exagerado sustentar que “a escola hegeliana teria se dividido em duas escolas hostilmente antagônicas” (p. 338).

Quanto aos estudos filosóficos-religiosos do jovem Marx, Heinrich afirma que a redação final demonstraria que ele ainda acreditava em Deus. E no prefácio da sua tese de doutorado (março de 1841), já apresentaria uma posição indiscutivelmente ateuista. Mas a série de referências bíblicas sobre seus escritos demonstra a importância dos estudos filosóficos-religiosos, embora Marx nunca os tenha publicado.

Por último, Heinrich faz uma análise dos projetos de Marx que originaram a tese. A questão para o autor é porque Marx, depois de três ou quatro anos na Universidade, demoraria tanto para escrever sua tese, pois “[...] na primeira metade do século XIX escrevia-se uma tese de doutorado em alguns meses” (p. 365). Heinrich aponta que um dos motivos seria porque Marx não teria se dedicado exclusivamente à tese, tendo estudado temas filosófico-religiosos e planejado a publicação de artigos e de um livro sobre hermesianismo. Outro motivo seria a tentativa de Marx abordar o tema, Epicuro, de forma muito mais profunda do que era comum na época. Seria durante a preparação da tese que Marx discutiria, por exemplo, a existência de Deus, chegando a conclusões semelhantes às de Feuerbach.

Heinrich recorda que já foram escritas pelo menos 30 grandes biografias sobre Marx. Este primeiro volume da biografia realmente tem tudo para se figurar entre as melhores biografias já escritas. O leitor certamente ficará ansioso para ter em mãos os outros dois volumes, que esperamos não tardem a ser lançados.